

O CONHECIMENTO CONTEXTUALIZADO COMO CONHECIMENTO ÍNTIMO - REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE PRODUÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

CLAUDIA MAISA ANTUNES LINS

Doutora em Pós-Colonialismos e Cidadania Global, pelo Centro de Estudo Sociais – CES, da Universidade de Coimbra – Portugal; professora do DCH III – UNEB Juazeiro.

1. INTRODUÇÃO

A experiência da produção de livros didáticos no Semiárido Brasileiro acontece no cenário de articulação dos movimentos sociais em torno da *Convivência com o Semiárido*. Tal narrativa se coloca em oposição ao discurso de *Combate à seca*, este produzido no século XIX, instalando-se nos setores: economia, cultura e educação, provocando exclusão social, devido à implantação de políticas e tecnologias inadequadas para essa região. Tal histórico de colonizações externa e interna, deixou marcas que repercutem nos índices de IDH e também nos índices de escolarização das populações.

Convivência com o Semiárido, enquanto pensamento político contra-hegemônico, cria resistências e provoca um rasgo na realidade, onde se torna possível enxergar as potencialidades deste lugar, quando o conhecemos, aprendemos a lidar com o clima; e identificamos as intervenções que prejudicam o ciclo da vida no bioma caatinga, porque a seca sendo um fenômeno natural não pode ser combatida, precisa-se aprender a conviver e descobrir as potencialidades dessas condições geográficas e climáticas.

A *Convivência com o Semiárido* inaugura, ainda na década de 1980, um conjunto de ações nas comunidades junto aos agricultores e às agricultoras, experiências vivenciadas por dentro das ONG's, com pesquisas sobre o bioma; implementação de tecnologias de produção agropecuária adaptadas; de tecnologias de captação e armazenamento da água da chuva; beneficiamento de frutas nativas; e engajamento em lutas por condições favoráveis ao manejo de animais e agricultura, o que envolve questões relacionadas ao acesso à água e à terra. Em meados de 1990, esse trabalho de formação alcança professores e professoras, inicia-se aí um conjunto de ações junto às escolas; cenário onde nasce a Rede de Educação do Semiárido Brasileiro – RESAB.¹ É desse contexto a iniciativa

1 A Rede de Educação do Semiárido Brasileiro – (RESAB) é um espaço de articulação política regional da sociedade organizada, congregando educadores/as e instituições Governamentais e Não-Governamentais, que atuam na área de Educação no Semiárido Brasileiro, sem preconceitos de cor, raça, sexo, origem política, social, cultural ou econômica, com o intuito de elaborar propostas de políticas públicas no campo educacional e desenvolver ações que possam contribuir com a melhoria da qualidade do ensino e do sistema educacional do Semiárido Brasileiro (Carta de princípios da RESAB, 2002).

de elaboração de materiais didáticos para as crianças, projeto que começa no IRPAA,² e continua por dentro da RESAB.

2. METODOLOGIA

Sendo produzidos os livros didáticos num contexto de mobilização e escuta envolvendo diversos sujeitos: crianças, pedagogos, professores, agricultores, multiplicadores das tecnologias da convivência, técnicos pesquisadores das áreas da produção, água, terra e educação; as ações aconteceram a partir de coletas de dados com entrevistas, visitas às experiências das ONG's, leitura e sistematização do repertório de materiais pedagógicos já produzidos por estas instituições, acompanhamento de encontros formativos e realização de seminários com professores e professoras, oficinas com crianças e convivência com elas em suas comunidades.

O percurso metodológico cumpre seu objetivo na elaboração da proposta metodológica e feita dos livros didáticos; e ofereceu-nos anotações epistemológicas para refletir: os discursos de *Combate à seca* e da *Convivência com o semiárido* como linguagem/emocionar (Maturana, 2004), que produzem realidades distintas; e a *Convivência com o semiárido* como um discurso/um modo de pensamento (Foucault, 2000) capaz de criar fendas na realidade, transformá-la, revelando suas potencialidades; os discursos presentes nos livros didáticos (Pimentel, 2002); identidades e identificações (Hall, 2006); a educação como prática de liberdade (Freire, 1999); a contextualização como um conhecimento íntimo (Pimentel, 2002; Maturana, 1997), temática esta explorada neste resumo.

3. RESULTADOS OU CONCLUSÕES

Oscar Wilde aponta que “A linguagem que é a mãe e não a filha do pensamento” (1994: 111), e acreditando nessa premissa, podemos dizer, portanto, que se a linguagem dá cria ao pensamento, dá cria também a outra realidade. No Semiárido Brasileiro a articulação dos movimentos sociais busca romper com um discurso da linguagem do *Combate à seca* e se desloca na criação de outra linguagem, a da *Convivência com*

2 IRPAA, ONG situada no Norte da Bahia, desenvolve atividades de formação com agricultores e agricultoras, desde 1990. Tem atuação em praticamente toda a extensão territorial do Semiárido Brasileiro (www.irpaa.org).

o Semiárido. Isso muda complementemente o modo de pensamento e, conseqüentemente, produz-se outras realidades possíveis. Acreditamos, como Foucault, que a linguagem traz um discurso, que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz a luta ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que e pelo que se luta; o poder do qual nos queremos apoderar” (2000: 10).

Convivência com o Semiárido pronuncia nossas potencialidades e belezas, trata-se de uma linguagem/emocionar (Maturana, 2004) que escapa da perspectiva discursiva de vitimização, rompe com as dizibilidades de discriminados, sofredores, derrotados, vencidos, para assumir um lugar de resistência e potência. O conhecimento contextualizado opera a partir da noção de outra racionalidade, o que Pimentel chama de “experiência sensível como exercício de uma razão aberta”, um pensar orgânico em congruência com o seu meio (2002: 71). Maturana (1997: 21) afirma que “conhecer é viver, e viver é conhecer”, é apresentar uma conduta adequada, “congruente com a circunstância na qual essa mesma conduta se realiza” (*Ibidem*: 23). A percepção dos autores faz-nos ver que o conhecimento se tece radicalmente pelo viés da intimidade; e que a sua forma pedagógica acontece no conhecer-sentir.

O conhecer-sentir acontece na teia de relações entre todas as espécies de seres vivos e sistemas vivos, animais, plantas, mananciais de água, a terra e o céu. O ciclo vital é a gigantesca respiração que a terra realiza em conjunto com todos os seres que a compõe, essa conexão é a auto-poiese (Maturana e Varela, 1997: 54). Um conhecer-sentir produz outras relações com o conhecimento e nos aponta uma Pedagogia pelo viés necessário da intimidade com o mundo.

Palavras-chave: Conhecimento contextualizado no Semiárido; Conhecer-Sentir; Materiais didáticos.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**; Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. – São Paulo, Edições Loyola, 6ª.ed, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MATURANA, Humberto R. & VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano – Do patriarcado a democracia.** Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo, Palas Atenas, 2004.

MATURANA, Humberto R. & VARELA, Francisco J. García. **De Máquinas e Seres Vivos: autopoiese – a organização do vivo;** 3ª. Ed; trad. Juan Acuña Llorens. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PIMENTEL, Álamo. **O elogio da convivência e suas pedagogias subterrâneas no semi-árido brasileiro.** Tese (doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação – Porto Alegre, UFRGS, 2002.

SANTOS, Milton. **Território e Sociedade.** São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

WILDE, Oscar. **A decadência da mentira e outros ensaios;** Tradução e apresentação: João do Rio. Rio de Janeiro: 2ª. Edição, Imago Ed., 1994.